



COLÓQUIO/Letras

ISSN: 0010-1451 - Página principal / Homepage: <https://colouquio.gulbenkian.pt>

[Recensão crítica a 'Lar,', de Armando Freitas Filho]

Marcos Siscar

Para citar este documento / To cite this document:

Marcos Siscar, "[Recensão crítica a 'Lar,', de Armando Freitas Filho]", *Colóquio/Letras*, n.º 176, Jan. 2011, p. 280-281.

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

LITERATURA BRASILEIRA

POESIA

Armando Freitas Filho

LAR,

São Paulo, Companhia das Letras / 2009

Há quem pense a tradição de poesia como uma corrida na qual a descendência está sempre em atraso; outros preferem buscar nela modelos para uma austera exigência de valor criativo, supostamente em desuso. Numa época em que o futuro é sentido como bloqueio, pode ser compreensível que a poesia seja sempre medida em relação a dados que já foram lançados.

Parece difícil ler a poesia de Armando Freitas Filho sem se colocar essa questão. Afinal, o livro *Lar*, requisita a tradição e qualifica-a — não sem ironia — como mármore perfeito, contra o qual se debate a imperfeição ou a dissonância estéril do presente. O livro decepciona a corrida de cavalos e a comparação qualitativa. Não por se colocar fora delas, mas porque a decepção é a sua matéria, a sua formulação, a sua arte. A obsessão pelo passado *manqué*, pelo verso *manqué*, o drama da dificuldade de dar forma, é aquilo que desacredita a forma e ao mesmo tempo a constitui, instruindo o leitor na experiência das suas regras. *Lar*, pede para ser lido sob o signo da desarmonia, da solidão sem lar.

Se o livro é, explicitamente, um livro de memória, um livro da experiência que se expõe como autobiográfica, como propõe o prefácio de Vagner Camilo, o «veio autobiográfico» em si mesmo é uma falsa questão. Embora os poemas, mais diretamente os da primeira parte, não deixem de organizar um percurso cronológico, do universo familiar ao escolar, a própria miséria dos «factos» sugere que está em jogo não a mera narrativa biográfica mas a experiência ao mesmo tempo situada e deslo-

cada de um sujeito. A relação com os pais, com a religião, com o sexo, mas também a metalinguagem e a negociação com a ideia de finitude, são ocasiões em que se expõe o ruído da memória e o que há de sujo na intimidade. O que interessa nos factos biográficos não está tanto nos conteúdos do passado quanto no «gemido da madeira» que detém antigos papéis. Ou, dizendo de outro modo: se há confissão, aqui, é antes de mais nada uma confissão do corpo.

A falta de interioridade possível, que sugere a vírgula atrelada à palavra «lar», no título, aponta para um tema já conhecido da poética de Armando: a dramatização da superfície do corpo (de sentidos como o cheiro, o gosto, o tacto, explorados à exaustão), ou melhor, o «esfregar» dos corpos, que os retira da imanência e os coloca em relação, ou em atrito. É preciso levar isso em conta, a propósito do gesto de aproximação relativamente a Drummond ou João Cabral, mas também da crítica que lhes dirige: ao primeiro, pelo seu simbolismo, sua suposição de interioridade, ainda que dissonante; ao segundo, pela «limpeza» da situação poética. Não há oposição ao tipo de solução que os tótemes modernistas realizaram, mas à exigência da solução, ela mesma; «matando o pai no segredo / do corpo», a poesia reafirma a sua singularidade, mas não a relança tal como foi prevista. O «segredo do corpo» não é aqui exactamente o espaço (alusivo, irónico, ou pós-moderno) onde se realiza um sacrifício higiénico, mas tem função quase adverbial, de um *por-meio-de* que contém o seu próprio embaraço, seu dano, seu sinistro.

Uma paráfrase honesta de *Lar*, (que as resenhas imediatas do livro vêm tendo dificuldade em formular) conduziria a algo como uma poética da decepção, não apenas porque o corpo nunca está além do seu segredo, mas porque o esfregar dos corpos também não é reabilitativo. O cor-

po range, mais do que se arrepiava. O corpo ensina a ler a decepção como uma função do verso, que tropeça, que transborda, que se derrama à mistura com a dramática iminência da prosa; que negocia com o aleatório do corte, prescrevendo um discurso sobre o verso como interrupção. Interromper é ampliar o sentido de uma palavra, de uma locução, perdida no fluxo da prosa do mundo. Se essa ampliação pode parecer a alguns leitores desprovida de razão e de efeito, exactamente por isso ela não deixa de ser um retrato fidedigno da decepção histórica que caracteriza a sua época.

A arte da desolação, tal como a pratica Armando, tem coerência e perspectiva. Ela ensina-nos como deve ser lida, mas precisa de tempo para mostrar os seus requisitos. A tal ponto que acaba por se envolver com um certo didactismo, que não há como separar do acto de ensinar, e que na poesia do autor fervilha na insistência em relação à fraqueza da repetição, à compulsão de escrita que não se fecha, à reiteração de fracasso do «repetente», do ajuste de contas com os seus fantasmas. Aprender a ler é aprender a lidar com a decepção reiterada, a reescrita, a correcção, o adiamento de si contido na gravação de voz — é o que parece dizer a cada página o livro *Lar*, («reescrevo, corrijo, fazendo / pressão com o lápis rombudo / para marcar minha dissidência»).

Ao longo dos textos, o extravio, a ferugem, o descompasso, o inacabamento, o corroído, o empilhado, toda a lógica do dano contida no canhoto («sinistro») que se esfrega contra o *gauche* drummondiano, são índices de uma poética que se comenta, que expande a sua metalinguagem. O drama dilata-se, assumindo o risco de remeter «sem parar», compulsivamente, para o seu próprio inacabamento, o seu situado «castigo». O poema ensina o sinistro de modo tão abundante que faz dele o seu próprio flagelo.

O que parece haver de *excessivo* na poesia de Armando não deixa de ser a resposta para aquilo que a ela se pede, à poesia de modo geral: uma coerência, uma atitude, uma função — sempre contrariadas ou decepcionadas pela voracidade da própria exigência que as solicita. A épica de nosso tempo é tantas vezes a da decepção, do descompasso entre aquilo que se procura na poesia e aquilo que ela oferece, mesmo que não saibamos exactamente o quê. A «culpa» expressa pelo poema não deixa de ter paralelo com esta outra, que é a de prolongar tal constrangimento, por não sabermos ou não quereremos reconhecê-lo.

O que a poética da decepção em *Lar*, acaba por sugerir é uma responsabilidade compartilhada diante do sinistro: a de exigir o direito da forma e de concedê-lo, por exemplo, à poesia.

Marcos Siscar

BIOGRAFIA

Jean-Michel Massa

A JUVENTUDE DE MACHADO DE ASSIS: 1839-1870

Tradução de Marco Aurélio de Moura Matos

2.^a edição revista

Prólogo de Antonio Candido

São Paulo, Editora UNESP / 2009

A Juventude de Machado de Assis: 1839-1870, do investigador francês Jean-Michel Massa, é título da maior relevância na cada vez mais extensa bibliografia dedicada ao que é considerado por muitos o maior dos escritores brasileiros. Esta nova edição, revista, e agora com um «Prólogo» do crítico e professor Antonio Candido, sai a público na esteira dos tantos lançamentos e relançamentos por ocasião do centenário do falecimento do grande escritor, comemorado em 2008.